

PELAS FRONTEIRAS DO GÊNERO E DA SEXUALIDADE: DISCURSOS DE PROFESSORES (AS) HOMOSSEXUAIS DA DOCÊNCIA DOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL

Thiago Augusto de Oliveira da Conceição¹

thiagoaoc@ufpa.br

Josenilda Maués²

jomaues@ufpa.br

Resumo: O artigo apresentado incursiona no entrecruzamento das questões de gênero, sexualidade e docência em sua produção em um movimento investigativo de cunho pós-crítico. O objetivo geral do estudo voltou-se para analisar a constituição discursiva da sexualidade examinada do ponto de vista das relações de gênero, a partir da análise das práticas discursivas de docentes homossexuais que atuam na docência dos anos iniciais do ensino fundamental de escolas públicas de Belém/PA. A partir da análise discursiva dos enunciados sobre gênero e sexualidade produzidos por professores/as homossexuais da docência primária, pude constatar que essa ambiência docente é produzida por discursos que constituem esses docentes a partir de práticas e ações normatizadoras e hegemônicas de gênero e sexualidade que tentam, sobretudo, ocultar a sexualidade homossexual no ambiente escolar.

Palavras-chave: Gênero. Sexualidade. Docência. Práticas discursivas.

Abstract: The article presented orientate of questions interconnected of gender, sexuality and teaching in their production in a move investigative die post-critical. The overall objective of the study turned to examine the discursive constitution of sexuality examined in terms of gender relations, from the analysis of the discursive practices of homosexual teachers working in primary education teaching elementary school in public schools in Belém/PA. From the analysis of discursive statements about gender and sexuality produced by teachers / teaching primary homosexuals, I could see that this teaching ambience is produced by discourses that constitute these teachers from practices and actions and normalizing hegemonic gender and sexuality that attempt mainly hide homosexual sexuality in the school environment.

Keywords: Gender. Sexuality. Teaching. Discursive Practices.

INCURSÕES INICIAIS

Este artigo é fruto da investigação desenvolvida na dissertação de mestrado que teve como campo temático central as relações de gênero, sexualidade e docência no contexto da docência nos anos iniciais do ensino fundamental. Mais especificamente, constitui-se numa investigação que discute relações de gênero no âmbito da sexualidade de docentes homossexuais³ que atuam em um espaço historicamente afirmado como campo profissional feminino, a docência primária. Como objetivo, o trabalho teve o intuito de analisar a constituição discursiva da sexualidade a partir das práticas

discursivas de docentes homossexuais do sexo masculino e feminino que atuam na docência dos anos iniciais do ensino fundamental em escolas públicas de Belém/PA.

Quando optamos por investigar algo, essa escolha carrega uma história de produção do interesse e da motivação que nos leva a abordar determinado assunto. Considerando o contexto, as inquietações e problematizações produzidas no decorrer dessa história, coloco neste momento alguns aspectos da trajetória desta investigação.

Meu interesse inicial por enveredar pela investigação das relações de gênero na docência primária surgiu partiu quando estava, ainda, na graduação, cursando o 2º período do extinto Curso de Formação de Professores para o pré-escolar e 1ª a 4ª série do ensino fundamental da Universidade do Estado do Pará (UEPA). Após o curso ter passado por uma reformulação curricular em face das novas diretrizes curriculares nacionais publicadas no ano de 2006 para o curso de Pedagogia, o então curso passou a ser denominado de Licenciatura Plena em Pedagogia. Recordo que em uma aula da disciplina Teorias da Educação II, foi travada uma discussão sobre as transformações do cenário docente no Brasil. Dentre as transformações ressaltadas, destacava-se a mudança de gênero docente, do masculino para o feminino, desembocando, conseqüentemente, na discussão da feminização do magistério.

Nesta época de curso, no total de aproximadamente 35 discentes, a presença masculina na sala de aula era somente representada por mim; o universo feminino predominava como historicamente predomina em qualquer curso de Pedagogia. A discussão da feminização do magistério, então posta em sala, recaiu exatamente nas questões de gênero presentes na docência primária: profissão de atuação de mulheres; desvalorização social da profissão; o afastamento dos homens da atividade docente. Lembro que essas foram algumas das questões discutidas e problematizadas pela professora na aula, todavia, foi uma pergunta feita em minha direção que impulsionou meu desejo de incursionar na investigação pela temática das relações de gênero. **“O que um homem faz em um curso feminino?”**, foi a interrogação posta a mim e que, no momento de sua formulação, pegou-me de surpresa e naquele instante calou-me!

Comecei dali por diante a encarar a pergunta como uma problematização referente à minha condição de gênero posta naquele contexto como minoria e, mais ainda, como minoria na docência primária, campo então escolhido para exercício da minha atividade profissional. O raciocínio de que o magistério primário e, conseqüentemente, o curso de Pedagogia, eram atividades socialmente atribuídas ao domínio feminino, não me era desconhecido. Esse era um argumento presente tanto

antes quanto durante o curso. Minha inquietação girava em torno, sobretudo, das razões da estranheza de minha presença masculina em um espaço dito feminino, ou ainda, o que pensam sobre mim, a partir de minha inserção em uma atividade posta socialmente às mulheres?

Iniciei a partir desses questionamentos uma busca por explicações teóricas que pudessem me auxiliar a entender as possíveis relações e construções histórico-culturais que fizessem com que os sujeitos produzissem e concebessem tais concepções acerca da docência primária, sobretudo, em relação aos homens que atravessam a escolha profissional neste espaço associado ao feminino, às mulheres. Foi em uma dessas buscas teóricas que encontrei o livro: *Gênero, sexualidade e educação - uma perspectiva pós-estruturalista*, de Guacira Lopes Louro (2008). A obra propõe o rompimento com o pensamento dicotômico: feminino em oposição ao masculino; razão/sentimento; teoria/prática; público/privado. Neste sentido,

Os sujeitos que constituem a dicotomia não são, de fato, apenas homens e mulheres, mas homens e mulheres de diferentes classes, raças, religiões, idades, etc., e suas solidariedades e antagonismos podem provocar os arranjos mais diversos, perturbando a noção simplista e reduzida de homem dominante e mulher dominada” (LOURO, 2008, p. 04).

A partir da leitura da obra de Louro (2008), minhas problematizações começaram a tomar outros significados. Comecei a perceber que o sentido discursivo aplicado ao campo da docência primária como um lugar privilegiado do feminino, não significara somente uma disputa de espaço profissional entre homens e mulheres, contudo, o que estava em jogo eram disputas de relações de gênero produzidas também no ambiente docente. Portanto, a docência como um espaço de interação, humana além de produzir diversas formas de relações, é capaz também de suscitar no seu interior relações de gênero que marcam certa disputa de espaço e de poder entre homens e mulheres. Espaços onde masculinos e femininos são produzidos.

O desejo de aprofundar na temática dos estudos de gênero me fez inicialmente confrontar a teoria do ponto de vista das relações de gênero e da feminização do magistério com a empiria evidenciada nos discursos veiculados acerca da docência primária posta como uma profissão de mulheres. A oportunidade surgiu com a seleção à iniciação científica fomentada pela Universidade do Estado do Pará, instituição de ensino superior na qual obtive a graduação. A iniciação científica me possibilitaria um maior aprofundamento teórico e analítico da discussão, e com esta intenção, me propus a participar da seleção. O projeto de pesquisa proposto tinha a seguinte problematização: quais as representações construídas por professores (as) sobre o trabalho docente de professores do gênero

masculino que atuam no magistério do segmento então denominado séries iniciais do ensino fundamental?

O problema partiu da própria leitura de Louro (2008), em que a autora evidencia que a docência é um espaço de produção e engendramento de representações de gênero. Deste modo, a autora questiona “qual o gênero da docência?” Aproveitando a questão, procurei saber que representações tinham os professores homens que exerciam tal atividade. Para minha satisfação o projeto foi aprovado. Tinha então a oportunidade de pesquisar algo que já, de certo modo, vinha investigando e, desta vez, com o incentivo financeiro à pesquisa. O estudo foi realizado em uma escola pública municipal da cidade de Belém do Pará. A escola contava com três professores do sexo masculino, e o número de professores justificou a escolha da escola, haja vista a dificuldade de encontrar professores do sexo masculino atuando nesta modalidade de docência.

A partir de entrevistas realizadas com tais professores, pude perceber que a presença deles no contexto da docência dos anos iniciais de escolarização é marcada por representações diversas, que reúnem argumentos em torno de questões biológicas ligadas ao sexo, às questões sociais em torno da profissão, entretanto, uma representação sobre estes docentes me chamou bastante atenção: aquela ligada a sua sexualidade. Todos os professores entrevistados foram unânimes em dizer que a principal representação da sociedade sobre os docentes do sexo masculino que atuam na docência primária com crianças é a de que são, em sua maioria, “gays” (homossexuais).

Pensando nessa representação de sexualidade ligada à homossexualidade remetida aos homens que exercem a docência dos anos iniciais do ensino fundamental, comecei a refletir no sentido de que a docência além de ser espaço social de veiculação de representações, como nos afirma Louro (2008), é, ainda, um lugar onde são produzidos discursos sobre diferentes dimensões que constituem os sujeitos que a praticam. Para tanto, a docência do ponto de vista das relações de gênero é também lugar de constituição da sexualidade, na medida em que entendemos como concebe Foucault (1988), que esta foi e é produzida historicamente em diversos contextos e diferentes lugares. O tratamento de questões sobre sexualidade conecta-se à discussão das relações de gênero e vice-versa, pois ambas encontram-se implicadas quando tratamos de assuntos relacionais referentes a homens e mulheres. Este raciocínio estende-se ao contexto da docência dos anos iniciais do ensino fundamental, em que as relações de gênero e sexualidade são, principalmente, marcadas pela diferença docente de masculino e feminino nesta ambiência.

Tendo em vista essa construção discursiva da homossexualidade quando se trata da sexualidade de professores do sexo masculino que atuam na docência primária, é possível problematizar, ao mesmo tempo, o outro lado do gênero, a sexualidade feminina de professoras desse mesmo segmento de ensino. Nesse sentido, poderia fazer uso da mesma pergunta feita a mim por minha professora na sala de aula na graduação, só que agora com sentido diferenciado: quais práticas discursivas são produzidas sobre a sexualidade de docentes homossexuais do sexo feminino que atuam nos anos iniciais do ensino fundamental?

Essa indagação se faz pertinente, uma vez que o discurso da homossexualidade de professores do sexo masculino nesse segmento de docência é produzido sob a égide de argumentos heteronormativos, que se envolvem na produção da sexualidade e estereótipos sexuais de homens e mulheres em diferentes contextos, até mesmo no contexto profissional, no caso aqui o da docência primária. Essa docência foi e ainda é por vezes apreendida historicamente a partir de estereótipos culturalmente cristalizados de padrões normativos femininos. A indagação faz-se ainda pertinente porque nesse segmento de atuação profissional, os anos iniciais, transitam docentes homossexuais do sexo feminino que, de algum modo, subvertem a lógica dos estereótipos atribuídos a algum tipo de essência feminina.

Para tanto, foge da centralidade desse trabalho, fixar binarismos e padrões de gênero e sexualidade ou reforçar estereótipos sexuais atribuídos aos sujeitos. Tento, de outro modo, evidenciar dispositivos e mecanismos discursivos e estratégias normativas que produzem tais sujeitos, normatizando-os, enquadrando-os e fixando-os a determinados moldes e padrões histórico-culturalmente produzidos em diferentes regimes de sociedade, e, ainda, de lugares e posições sociais e profissionais. Também foge do entendimento dessa investigação que a vivência da homossexualidade por docentes do sexo feminino e masculino que atuam nos anos iniciais é tonalizada por diferentes práticas discursivas que acabam tendo como referência padrões culturalmente produzidos sobre prováveis características necessárias ao exercício da docência nos anos iniciais do ensino fundamental, ou sobre a fixação de determinadas orientações sexuais a partir da inserção dos sujeitos nesse segmento profissional.

Partindo desse quadro da discursividade de gênero e sexualidade na docência dos anos iniciais, o estudo desenvolvido apresenta significativas contribuições para os estudos do campo das relações de gênero e sexualidade no sentido de enfatizar a construção discursiva dos gêneros, das sexualidades e das diferentes ocupações, considerando-as, também, como discursivamente

construídas a partir de práticas provenientes de diferentes âmbitos, entre aqueles os dos próprios sujeitos que exercem a docência nos múltiplos segmentos da escolarização.

Portanto, o enfoque dado aos anos iniciais do ensino fundamental e à docência de professores (as) homossexuais, partilha da concepção de que esta ambiência e tais sujeitos são territórios de produção de práticas discursivas. Partilha, ainda, da crença na necessidade de explorarmos as discussões no âmbito acadêmico e escolar sobre as temáticas gênero e sexualidade, diante da ainda reduzida margem de referências e pesquisas que investiguem os modos como esses marcadores sociais se constroem em nossas múltiplas formas de vivenciar a diversidade de gênero e sexualidade, mesmo no campo profissional da docência.

Neste sentido, a relevância social desta pesquisa situa-se na possibilidade de contribuir e trazer para o contexto local e amazônico discussões que façam avançar o conhecimento no âmbito das relações entre Gênero, Sexualidade e Docência, contribuindo para o enriquecimento das discussões pertinentes à constituição dessa tríade analítica e à formação de professores. A esta relevância alia-se também a importância institucional desse estudo, na medida em que o mesmo vincula-se à linha de pesquisa Currículo e Formação de Professores, que investe em estudos sobre questões culturais ligadas à docência, prática em que são produzidas e reproduzidas questões relacionadas ao gênero e à sexualidade.

1 ASSERTIVAS PÓS-ESTRUTURALISTAS NA PESQUISA EM GÊNERO, SEXUALIDADE E EDUCAÇÃO

Esta investigação incursiona no entrecruzamento das questões de gênero, sexualidade e docência em sua produção discursiva, expondo uma trajetória de produção investigativa cujas definições articulam-se à dinâmica do trânsito entre teoria e empiria.

Neste sentido, quero de partida situar o ponto de embarque escolhido para seguir velejando, assim como viajantes, termo que se refere Louro (2004) aos sujeitos que incursionam nas insinuantes relações de gênero e sexualidade. Meu percurso como timoneiro dessa viagem tem como ponto de partida e desembarque, não um lugar comum, um destino traçado e nem tampouco um roteiro previamente assegurado. Meu desejo, assim como de outros estudos de inspiração pós-estruturalista é de caminhar no sentido de traçar novos horizontes, novas composições teóricas, novos textos. Conto, inicialmente, com indícios de onde quero chegar, com a certeza de que, durante a viagem, poderão

surgir roteiros alineares, desvios de percursos e, sobretudo, provocações e desequilíbrios diante da inexistência de normas e regras já estruturadas.

A perspectiva Pós-estruturalista adotada como teorização que norteia a dinâmica dos procedimentos teórico-metodológicos deste estudo, difere de um posicionamento estruturalista por não ter uma centralização científica focada nas estruturas sociais e funcionais que constituem a sociedade, ou seja, sua preocupação teórica não está em identificar as estruturas e organizações sociais fundantes para compreender o funcionamento de relações sociais móveis, não totalizantes.

O Pós-estruturalismo, em suas diferentes clivagens, é caracterizado pela descentralização das partes estruturais, em que a investida teórica situa-se não em estruturas sociais fundantes em determinado método ou teoria. Para Peters,

O Pós-estruturalismo não pode ser simplesmente reduzido a um conjunto de pressupostos compartilhados, a um método, a uma teoria ou até mesmo a uma coisa. É melhor referir-se a ele como um *movimento de pensamento* – uma complexa rede de pensamento – que corporifica diferentes formas de prática crítica. O pós-estruturalismo é, decididamente, interdisciplinar, apresentando-se por meio de muitas e diferentes correntes (2000, p. 29).

Ou seja, o pós-estruturalismo pode ser caracterizado segundo Peters, como um modo de pensamento, um estilo de filosofar e uma forma de escrita, embora o termo não deva ser utilizado para dar qualquer ideia de homogeneidade, singularidade ou unidade. Na perspectiva pós-estruturalista, a crítica à razão torna-se ação marcante, de modo a rejeitar qualquer forma privilegiada de decifração da natureza e ordenação do mundo. Deste modo, as categorias como: modernidade, sujeito, razão e totalidade tornam-se secundárias. Na modernidade o sujeito constitui-se o foco central e determinante do mundo social. No cenário pós-estruturalista, ele torna-se menos pretensioso, universal e centralizado. Os modos como se processam as múltiplas formas de poder, regulação e controle sobre esses sujeitos são algumas das preocupações privilegiadas pelos pós-estruturalistas.

Embora marcado por diferentes clivagens, podemos encontrar nesse movimento, que tem a diferença como elo de ligação, características como:

Recusa a ver o conhecimento como uma representação precisa da realidade; as narrativas genealógicas substituem a ontologia, isto é, as questões de ontologia tornam-se historicizadas; questiona o cientificismo das ciências humanas, adota uma posição antifundacionista em termos epistemológicos e enfatiza um certo perspectivismo em questões de interpretação; questiona o realismo e o racionalismo, coloca em dúvida a pretensão estruturalista de identificar estruturas universais que seriam comuns a todas as culturas e à mente humana em geral; rejeita a ideia de que um sistema de pensamento possa ter qualquer fundamentação lógica (SKLIAR, 2001, p.74).

De um lado se observa o cientificismo das Ciências Humanas e, do outro lado, a crítica Pós-estruturalista como negação do conhecimento e/ou pensamento como produção de um eu fundante, uno, indivisível, centrado, racional. Para a perspectiva pós-estruturalista não existem verdades únicas e absolutas. Existem linguagens, práticas discursivas, modos de subjetivação que impulsionam, constroem e desconstroem as formas históricas, culturais e sociais de se conceber os sujeitos e suas relações. A partir dessa perspectiva são colocadas em questão as metanarrativas constituídas como discursos únicos e verdadeiros, como manifestações essencialistas do pensamento totalizante, pois para o pós-estruturalismo existem múltiplas formas de produção e veiculação do conhecimento, seja ele científico ou não, incidindo em verdades múltiplas (VEIGA-NETO, 1995).

No campo educacional as discussões de cunho pós-crítico tomadas pela ótica pós-estruturalista situam-se em temas que geralmente expressam demarcadores discursivos, políticos e culturais de diferenças produzidas em campos como da sexualidade, das relações étnico-raciais, de gênero, geracionais, práticas de escolarização, questões midiáticas, dentre outros.

Considerando o amplo espectro pós-estruturalista, este estudo adota as possibilidades de tratamento dos discursos propostas por Michel Foucault, para orientar a investigação e proceder à análise das práticas discursivas produzidas sobre a sexualidade por professores homossexuais do sexo masculino e feminino que atuam na docência nos anos iniciais do ensino fundamental de escolas públicas.

A partir dessa chave foucaultiana, as relações de gênero e sexualidade são vistas como discursivamente produzidas por meio dos próprios enunciados e relações que os discursos mobilizam. A utilização de ferramentas foucaultianas na pesquisa educacional apresenta uma inflexão em relação ao tratamento dispensado aos discursos docentes por outras perspectivas de análise discursiva. Essa demarcação pode ser claramente traduzida a partir da forma como são tratados os discursos.

Para Foucault, nada há por trás das cortinas, nem sob o chão que pisamos. Há enunciados e relações, que o próprio discurso põe em funcionamento. Analisar o discurso seria dar conta exatamente disso: de relações históricas, de práticas muito concretas, que estão vivas nos discursos (FISCHER, 2001, p. 198).

Ou seja, para Foucault, os discursos não representam algo e sim constituem os objetos de que falam; não há algo oculto a ser desvendado por trás das palavras e dos discursos. A partir dessa perspectiva de linguagem, os discursos constituem os objetos de que falam; produzem, portanto, os gêneros, relações de gênero, masculinidades, feminilidades, a própria sexualidade, a docência. Neste contexto, apreendemos que o espaço escolar é atravessado por práticas discursivas de gênero e

sexualidade e é, também, *locus* onde essas práticas são produzidas. Para Hardt (2004), as possibilidades de análises discursivas foucaultianas também se aplicam na educação,

O discurso para Foucault é ambíguo, é uma forma de poder, que pode tanto vincular-se a atitudes de dominação quanto de resistência. Um dos cenários dessas possibilidades é também o campo da educação, e qualquer prática pedagógica será também ambígua, representando poderes dispersos e fragmentados. Existe, assim, um trabalho desconstrutivo a ser feito em cada um (o que implica seus domínios) e também fora desse campo, envolvendo o outro e o social. Nesse contexto, qualquer tentativa de asserção de inocência é equivocada e impropriedade (HARDT, 2004, p.16).

Segundo Veiga-Neto (2007), a maior parte dos especialistas costuma falar em três perspectivas/tendências foucaultianas conhecidas por arqueologia, genealogia e ética. Segundo o próprio autor trata-se de uma sistematização que combina os critérios metodológicos e cronológicos. Sendo conceitualmente entendidas como:

A arqueologia,

O uso da palavra arqueologia indica que se trata de um procedimento de escavar verticalmente as camadas descontínuas de discursos já pronunciados, muitas vezes de discursos do passado, a fim de trazer à luz fragmentos de idéias, conceitos, discursos talvez já esquecidos (VEIGA-NETO, 2007, p. 45).

Na genealogia,

O que passa a interessar a Foucault, então, é o poder enquanto elemento capaz de explicar como se produzem os saberes e como nos constituímos na articulação entre ambos. [...] A genealogia faz um tipo especial de história. Como a palavra sugere, trata-se de uma história que tenta descrever uma gênese do tempo. [...] A genealogia não se propõe a fazer uma outra interpretação mas, sim uma descrição da história das muitas interpretações que nos são contadas e que nos têm sido impostas. Com isso, ela consegue desnaturalizar, desessencializar enunciados que são repetidos como se tivessem sido descobertas e não invenções (*Idem*, 2007, p. 55, 56 e 60).

A ética,

Numa perspectiva foucaultiana, faz parte da moral, ao lado do comportamento de cada um e dos códigos que preceituam o que é correto fazer e pensar e que atribuem valores (positivos e negativos) a diferentes comportamentos, em termos morais. Esse conceito idiossincrático desloca a noção clássica de ética como 'estudo dos juízos morais referentes à conduta humana' (quer em termos sociais, quer em termos absolutos) para ética como o modo 'como o indivíduo se constitui a si mesmo como um sujeito moral de suas próprias ações', ou, em outras palavras, a ética como 'a relação de si para consigo' (*Idem*, 2007, p. 81).

Como o que nos interessou nessa investigação foi flagrar os momentos e as ações que produzem relações de poder, e os saberes que constituem dispositivos e mecanismos de regulação e

controle da sexualidade de docentes homossexuais por meio das práticas discursivas produzidas por eles próprios, podemos indicar que este trabalho tentou experimentar a genealogia foucaultiana, haja vista, entender que por meio da genealogia pode-se ter a valorização da prática discursiva como forma de interrogar os nexos discursivos que produzem as relações de poder. Segundo Maia (1995, p. 95), nesse território “o que nos interessará, entre outras coisas, será destacar que mecanismos, táticas e dispositivos serão progressivamente usados pelo poder [...]”.

Assumo, portanto, que os discursos produzidos por docentes, são generificados e tonalizam a constituição da sexualidade em meio ao conjunto de determinações que envolvem a profissão docente e o exercício do magistério nas práticas de escolarização. Nesse sentido, ao falar sobre discurso na perspectiva foucaultiana, refiro-me às práticas discursivas que segundo Foucault, é: “Um conjunto de regras anônimas, históricas, sempre determinadas no tempo e no espaço que definiram, em uma dada época e para uma determinada área social, econômica, geográfica ou linguística, as condições de exercício da função enunciativa do discurso” (2008, p. 136).

Para Foucault, a análise no campo discursivo é orientada de forma inteiramente diferente de outras análises discursivas do pensamento humano, Segundo o filósofo,

Trata-se de compreender o enunciado na estreiteza e singularidade de sua situação; de determinar as condições de sua existência, de fixar seus limites da forma mais justa, de estabelecer suas correlações com os outros enunciados a que pode estar ligado, de mostrar que outras formas de enunciação exclui (2008, p. 31).

Ainda segundo o autor, não se busca, sob o que está manifesto, a conversa semi-silenciosa de um outro discurso. Deve-se mostrar por que não poderia ser outro, como exclui qualquer outro, como ocupa no meio dos outros e relacionando a eles, um lugar que nenhum outro poderia ocupar.

Portanto, o exame discursivo dessa questão entre docentes homossexuais pôde agregar novos elementos à compreensão da sexualidade e até mesmo da docência exercida nos anos iniciais do ensino fundamental, em que é possível identificar práticas sexistas, regulatórias e de controle nesse campo profissional diante da presença de docentes homossexuais, práticas essas justificadas muitas vezes por discursos sexistas, preconceituosos e discriminatórios.

2 DISCURSIVIDADE DE PROFESSORES (AS) HOMOSSEXUAIS: ENTRE O GÊNERO E A SEXUALIDADE

Minha preocupação a partir desse momento é analisar e discutir os modos e dispositivos pelos quais os discursos instituem e põem em funcionamento determinadas práticas, modos, regimes de

saber-poder-verdade, controle e regulação sobre o gênero e a sexualidade nas práticas escolares de docentes homossexuais que atuam no campo da docência primária.

Nessa investigação, os discursos foram analisados a partir de um enfoque foucaultiano, ou seja, como práticas discursivas capazes de produzir processos de subjetivação, isto é, de constituição de determinados tipos de sujeitos, em meio a relações de saber-poder.

A conceituação de discurso como prática social – já exposta em *A arqueologia*, mas que se torna bem clara em *Vigiar e punir* e na célebre aula *A ordem do discurso* – sublinha a ideia de que o discurso sempre se produziria em razão de relações de poder [...] Na verdade tudo é prática em Foucault. E tudo está imerso em relações de poder e saber, que se implicam mutuamente, ou seja enunciados e visibilidades, textos e instituições, falar e ver constituem práticas sociais por definição permanentemente presas, amarradas às relações de poder, que as supõem e as atualizam (FISCHER, 2001, p. 199-200).

Ainda segundo Fischer (2001), o discurso ultrapassa a simples referência a “coisas”, ele é produzido para além da mera utilização de letras, palavras e frases, ou seja, ele não se resume ao simples signo linguístico, mas, apresenta regularidades intrínsecas a si mesmo, por meio da qual é possível definir uma rede conceitual constituída pelo próprio discurso. Nesse sentido, para a autora, analisar um discurso implica compreender os enunciados e relações que o próprio discurso põe em funcionamento ao ser produzido e, sobretudo, as relações históricas de práticas concretas que estão presentes no discurso.

As enucleações adotadas no movimento analítico considera os objetivos propostos na investigação. Desse modo, os elementos que serão destacados no decorrer da análise serão primordialmente: a constituição discursiva do gênero e da sexualidade produzida a partir das práticas discursivas de professores (as) homossexuais que atuam no campo de escolarização dos anos iniciais do ensino fundamental.

“É indispensável que reconheçamos que a escola não apenas reproduz ou reflete as concepções de gênero e sexualidade que circulam na sociedade, mas que ela própria as produz”. (LOURO, 2008, p. 81). Para a autora, podemos estender às análises foucaultianas, que demonstram o quanto as escolas ocidentais se ocuparam de tais questões desde seus primeiros tempos, aos cotidianos escolares atuais, nos quais se percebem o quanto e como se está tratando e constituindo o gênero e a sexualidade dos sujeitos masculinos e femininos, heterossexuais e homossexuais.

Como protagonista central na produção e na fabricação de sujeitos, assim como, do gênero e sexualidade, tem-se a linguagem que atua como uma rede de poder que institui o verdadeiro, o legítimo, a noção de certo e errado, produz, portanto, a diferença. Segundo Guacira Louro, a linguagem

é, seguramente, o campo mais eficaz e persistente “tanto porque ela atravessa e constitui a maioria de nossas práticas, como porque ela nos parece, quase sempre, muito natural” (2008, p. 65).

Desse modo, por meio da linguagem, as escolas analisadas a partir de uma perspectiva foucaultiana, tem como principal propósito referente às constituições do gênero e sexualidade, formar sujeitos masculinos e femininos heterossexuais nos padrões de sociedade em que a escola se inscreve. No entanto, os sujeitos que se “desviam” desse modelo normativo de gênero e sexualidade, são alvos de controle, disciplina e vigilância por parte da instituição escolar, entendidos como sujeitos que representam certo “perigo” às normas e condutas sociais hegemônicas.

Darei enfoque nesse artigo aos enunciados discursivos docentes que trazem consigo práticas que evidenciam certas exigências e posturas ao professor/a homossexual, desse modo, os discursos aqui produzidos são tratados como práticas de saber, poder e verdade, emanados a partir de uma prática social.

Enunciados discursivos me chamaram a atenção quanto à constituição e à forma com que esses docentes homossexuais assumem a docência. Em suas práticas discursivas, fica evidenciado que, para o exercício docente do professor (a) homossexual, são exigidas pela instituição escolar certa postura e competência profissional. Como nos demonstram os enunciados a seguir. “[...] *you need to be very good in what you do, I think being competent in what you do, you manage to minimize something that I constitute, that for me would be my difference, and this passes to be something small in front of what you are as a professional [...]*”. A prática discursiva da competência também se evidencia em outro enunciado docente: “[...] *it seems that you are spending all your time to prove your ability, more than the others, the heterosexual one can be good, but you who say homosexual has to be competent all the time, because it seems that your condition of homosexual takes away your competence. People are very close, they observe more, they spend all their time being better [...]*”.

Fica evidente nos discursos que é muito mais necessário ser competente, fazer-se respeitar, quando se trata do docente homossexual. A homossexualidade é produzida no jogo da competência. É preciso que esses docentes homossexuais provem cotidianamente que podem ser competentes no seu exercício profissional na docência, ou, até mesmo, superar o docente heterossexual.

O discurso da competência vinculado ao docente homossexual é impulsionado como motivo que justificaria a presença e atuação desse sujeito no ambiente da docência, forjando, desse modo, a possível aceitação desse docente em tal ambiente profissional. A competência constitui-se no “atributo”

que a escola produz para minimizar seus efeitos de poder manifestados pelos seus mecanismos de regulação, controle e vigilância em torno da sexualidade do/da docente/a homossexual.

Segundo Junqueira (2009), a escola estruturou-se, e ainda estrutura-se, a partir de pressupostos de um conjunto dinâmico de valores, normas e crenças responsável por reduzir a figura do outro (o estranho, inferior, pervertido, etc.), dentre esses – o do homossexual. Esses são produzidos como sujeitos inferiores e que precisam se adequar às práticas sociais normatizantes da escola. Nesse sentido, quando é colocado que a escola exige maior competência docente a esses/as professores/as homossexuais, é como se estivéssemos dizendo que esses sujeitos precisam se adequar às normas sociais, dentre elas, as normas heteronormativas vigentes nos discursos hegemônicos como referência para serem docentes e profissionais competentes.

Para Louro (2008), os sujeitos que, por alguma razão ou circunstância, escapam da norma e promovem uma descontinuidade na sequência sexo/gênero são tomados como minoria e também colocados à margem das preocupações. Paradoxalmente, esses sujeitos marginalizados continuam necessários, pois servem para circunscrever os contornos daqueles que são normais e que, de fato, constituem nos sujeitos que importam. Impera, desse modo, o princípio da heterossexualidade que enseja o silenciamento e a invisibilidade das pessoas homossexuais e, ao mesmo tempo, dificulta enormemente a expressão e o reconhecimento da homossexualidade e, conseqüentemente, dos sujeitos que a praticam.

“A presunção da heterossexualidade enseja o silenciamento e a invisibilidade das pessoas homossexuais e, ao mesmo tempo, dificulta enormemente a expressão e o reconhecimento das homossexualidades” (JUNQUEIRA, 2009, p. 31). Por conta disto, a sexualidade homossexual passar a ser uma prática negada aos espaços públicos, dentre esses – a escola, restringindo-se na maioria das vezes, somente à vida pessoal e sexual dos próprios. Desse modo, os/as professores/as homossexuais são levados a separarem do seu cotidiano docente a sua vida, sua sexualidade. Essa polaridade entre o pessoal e o profissional é enunciada nos discursos docentes.

Nos enunciados dos/as professoressas, é evidenciado certo zelo e manutenção de uma postura modelar no ambiente escolar, tratando-se, mais uma vez, de normativas de ocultação da presença homossexual na escola. A homossexualidade é outra vez produzida, só que agora em um jogo de ocultamentos. “[...] a gente procura agir naturalmente, evitando certas situações dentro do ambiente de trabalho, já fora do meu trabalho mantenho outra [...] uma coisa é você ter uma orientação sexual, outra coisa é ser profissional”.

A separação do público/privado, vida pública e particular também é constatada em outros enunciados docentes “[...] *minha orientação sexual nada tem a ver com o meu trabalho em sala de aula, fora dela sim*”. “Eu não me considero um professor gay, sobretudo, eu sou professor [...] a questão de ser gay ou hetero, pra mim, é a mesma coisa como ser católico ou protestante, a homossexualidade faz parte de mim, mas não como algo que deve ser suspenso e evidenciado tão como que consiga ser maior que a minha profissão docente”. *Dá uma sensação tão cruel, pôxa eu faço tudo, eu me dedico, eu me dou o máximo, estudo, preparo aulas, mas, estou todo tempo sendo analisada, não pelo meu lado profissional, mas pelo pessoal*”.

Constata-se um raciocínio atravessado pela constante demonstração e preocupação em relação à exemplaridade, quanto à sexualidade, uma postura modelar que precisa ser mantida por esses docentes homossexuais. Os/as professores/as tentam não evidenciar sua sexualidade no ambiente escolar, talvez pelos supostos discursos que circulam e reafirmam a escola como instituição normatizadora de gênero e sexualidade.

Os discursos sobre gênero e sexualidade assumem efeitos de verdade a partir dos lugares em que são pronunciados, como o médico, o jurídico, o educacional e se difundem capilarmente constituindo sujeitos generificados e sexuados, posicionados em lugares determinados, sejam os consentidos ou os proibidos (BRÍCIO, 2010, p. 103).

Desse modo, a homossexualidade é ocultada/silenciada no espaço escolar em detrimento de um regime de saber-poder constituído no interior da escola que a produz em torno de uma presunção sexual supostamente vivenciada por todos os sujeitos escolares - a heterossexualidade.

Na escola, pela afirmação ou pelo silenciamento, nos espaços reconhecidos e públicos ou nos cantos escondidos e privados é exercida uma pedagogia da sexualidade, legitimando determinadas identidades e práticas sexuais, reprimindo e marginalizando outras. Muitas outras instâncias sociais, como a mídia, a igreja, a justiça etc. também praticam tal pedagogia, seja coincidindo na legitimação e denegação de sujeitos, seja produzindo discursos dissonantes e contraditórios (LOURO, 2007, p. 31).

Fica evidente que parece não haver problemas se o professor for homossexual mas demonstra competência, resguarda-se, tem controle das suas atitudes e da sua sexualidade no ambiente escolar. Para Furlani, “[...] a escola tem se apresentado como um instrumento de grande importância na normatização e disciplinamento da heterossexualidade e dos rígidos padrões definidores dos gêneros masculino e feminino em nossa cultura” (2005, p. 235). Percebe-se que a escola impulsiona uma intensa proibição da vida sexual desses docentes homossexuais, colocando a sexualidade destes como uma prática remetida ao “segredo” pertencente somente a eles.

Foucault (1988) coloca que as sociedades modernas produziram um discurso sobre a sexualidade que foi remetida ao privado, particular, ao segredo alheio. Partindo desse pressuposto, Franco & Mota (2010) fazem uma analogia na qual esse possível “segredo” da sexualidade dos/as professores/as permitiu a instalação de uma ingênua crença de que docentes, como profissionais, sejam desprovidos/as de sexualidade, isentos de desencadear qualquer tipo de influência sobre as relações e a escolha/descoberta da sexualidade pelos/as alunos/as ou na construção de seu gênero.

Parto do princípio de Louro (2007) quando diz que quando acreditamos que as questões da sexualidade são assuntos privados, deixamos de perceber sua dimensão social e política. Nesse sentido, quando a escola tenta silenciar e ocultar a homossexualidade, a própria põe em funcionamento e exerce práticas excludentes de vivências de outras formas e experiências de sexualidade, produzindo, portanto, uma pedagogia da sexualidade, servindo para legitimar determinadas identidades e práticas sexuais, e, ao mesmo tempo, reprimir e marginalizar outras. Assim, passa a assumir-se, como um espaço de resistência e de interdição da sexualidade dos grupos subjugados, dentre esses, o homossexual.

Desse modo, pode-se verificar que a revelação da homossexualidade no meio social (profissional) põe em funcionamento regimes heteronormativos, e, ao mesmo tempo, regimes de invisibilidade que impulsionam saberes e relações de poder, as quais provocam e sustentam o silenciamento em determinados espaços sociais e, até mesmo, profissionais – neste caso aqui o ambiente escolar é profissional. Para Foucault, determinadas relações e estratégias de poder sustentam-se através de saberes que precisam de certas enunciações discursivas para se tornar evidentes. Desse modo, o ato do assumir-se homossexual é colocado como uma prática histórica que aciona o discurso da normatização da sexualidade, o qual institui regras e normas sociais de determinadas práticas comuns a todos os sujeitos e a todos os espaços, dentre essas, a imposição da heterossexualidade que precisa ser afirmada, até mesmo quando se trata do ambiente profissional.

Ainda em Louro (2009), o processo de reiteração da heterossexualidade adquire consistência exatamente porque é empreendido de forma continuada e constante pelas mais diversas instâncias sociais. Os discursos mais autorizados nas sociedades contemporâneas repetem a norma regulatória que supõe um alinhamento entre gênero e sexualidade. Portanto, a homossexualidade é produzida como uma prática sexual negada nos espaços públicos, dentre eles a escola, pois é vista como uma exceção das normas heteronormativas, sendo assim, silenciada e ocultada para que não represente algo de grande expressão pelos sujeitos no cotidiano escolar.

Na construção dessa análise e no decorrer das produções discursivas dos/as professores/as homossexuais investigados/as nessa dissertação e, que atuam na ambiência da docência primária, foi evidenciado que tais enunciados discursivos são atravessados por práticas de gênero e sexualidade que assumem e tomam significações no cotidiano docente desses/as professores/as. Nesse sentido, posso dizer que tais discursos são produzidos por regimes de poder que agem por dispositivos disciplinares, de vigilância e de controle na manutenção de um discurso heteronormativo na escola, na tentativa de silenciar e ocultar a presença do/a professor/a homossexual, produzindo, portanto, o espaço da docência primária, por discursos que impulsionam a continuar sendo uma ambiência fabricada discursiva e historicamente por oposições e atribuições binárias de gênero e sexualidade, tornando-a desse modo, um espaço sexista.

CONCLUSÕES

A partir da análise discursiva dos enunciados sobre gênero e sexualidade produzidos por professores/as homossexuais da docência primária, pude constatar que essa ambiência docente é produzida por discursos que constituem esse docente homossexual a partir de práticas e ações normatizadoras e hegemônicas de gênero e sexualidade que tentam, sobretudo, ocultar a sexualidade homossexual no ambiente escolar, produzida a partir de discursos de silenciamento, negação, controle e vigilância sobre esses sujeitos ditos “anormais”. Para Costa & Camozzatto (2006), “quando se discursa sobre algo, se inventam verdades, se produzem saberes que passam a vigorar no jogo saber-poder” (p. 237). Nesse sentido, na perspectiva teórica em que esta produção se inscreveu, ou seja, quando optou-se em discursar sobre o gênero e a sexualidade de docentes homossexuais de uma determinada docência, decidiu-se investigar os sentidos atribuídos, os significados criados, os saberes produzidos sobre esses indivíduos a partir do lugar em que estão inseridos.

Foi evidenciado que a docência primária é produzida por práticas discursivas de governo e saber-poder. Para Foucault, as práticas de governo agem com o intuito de controlar e regular as ações dos sujeitos, assim como para o filósofo há o governo das mulheres, das crianças, dentre outros indivíduos e práticas. Nesse trabalho, verificou-se a produção de um governo sobre a docência, produzida por relações de poder, constituídas a partir de dispositivos que articulam a fabricação de docentes conforme seus interesses e correlações e jogos de forças. Pôde ser observado que o gênero está intimamente relacionado à sexualidade. Desse modo, os jogos e correlações de forças que se articulam a partir de discursos de poder para governar a docência estão estritamente

vinculados ao controle da sexualidade docente. Também foi verificado que apesar das diversas transformações ocorridas nos processos constitutivos da docência, ainda persistem aqueles que a produzem por sentidos e significados que atrelam essa prática profissional aos aspectos culturais e sociais implicados com o gênero. As evidências enunciativas nas práticas discursivas dos docentes constataam que a docência ainda está vinculada a uma atividade feminina, por questões, sobretudo, de feminilidade, do atrelamento da atividade com habilidades e aptidões de gênero dirigidas à mulher-professora.

A sexualidade dos docentes homossexuais investigados nessa dissertação é produzida por discursos que fabricam novas competências e habilidades para o exercício do magistério primário. Essa produção de “novas” competências e habilidades foi acentuada a partir de discursos reguladores que produzem o/a docente homossexual primário/a como sujeitos que se apresentam na zona fronteira da sexualidade, sendo produzidos como sujeitos de perigo no ambiente escolar. Assim sendo, a homossexualidade é produzida nesse ambiente educacional por jogos de competência, silenciamento e ocultamento da sexualidade homossexual, instituídos por relações de saber-poder. Constatou-se, desse modo, a fabricação de diversos discursos em torno da sexualidade do/a professor/a homossexual primário/a, marcada por processos que tentam, sobretudo, dar (in)visibilidade a estes indivíduos no cotidiano escolar. Há, portanto, uma maior vigilância e controle por parte da escola quando se trata desses/as professores/as homossexuais; as exigências institucionais são redobradas, seus dispositivos institucionais têm maior efeito e agem na manutenção de uma suposta heteronormatividade sexual na escola.

Acredito que as contribuições advindas dessa produção acadêmica, quando se refere ao campo educacional, vêm no sentido de problematizar campos produzidos por estatutos de verdade, como o gênero e a sexualidade, e da dicotomia heterossexualidade/homossexualidade na ambiência da docência primária. Ao produzir esta dissertação, não tive o intuito de construir uma metanarrativa que viesse dar conta de como pensar gênero e sexualidade fora dos processos normativos hegemônicos do ambiente escolar, mas o propósito foi lançar olhares ampliados e investigativos que venham contribuir na construção e na reinvenção de outros possíveis “estatutos de verdades”, bem como de outros sentidos e significados relacionados ao objeto dessa investigação no contexto da educação.

Talvez se ainda fosse responder a pergunta da professora feita a mim, destacada no início da introdução dessa produção dissertativa, a qual gerou todo o interesse pela pesquisa em gênero, diria

que o que me levou a estar nesse campo predominante e historicamente feminino foi a possibilidade de entrar em contato com temas que subvertem a lógica do “cada um no seu lugar”, da existência de lugar feito para o masculino e feminino, para o heterossexual e homossexual. O pensamento pós-estruturalista me ajudou, nesse sentido, a me desvencilhar de tais binarismos.

REFERÊNCIAS

BRÍCIO, V. N. **Entre o laico e o religioso**: as injunções do discurso sobre gênero e sexualidade em um dispositivo curricular de normalização para *Aspectos da Vida Cidadã*. Dissertação de Mestrado. Belém: PPGED/ICED/UFPa, 2010.

CASTRO, E. **Vocabulário de Foucault**: um percurso pelos seus temas, conceitos e autores. Trad. Ingrid Muller Xavier; Rev. Téc. Alfredo Veiga-Neto e Walter Omar Kohan. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.

COSTA, M. V.; CAMOZZATTO, V. C. O magistério nas novelas da TV. In: COSTA, M. V. (Org.). **O magistério na política cultural**. Canoas: Ed. ULBRA, 2006, p. 235-264.

FISCHER, R. M. B. **Foucault e a análise do discurso em educação**. Faculdade de Educação e Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Cadernos de Pesquisa, n. 114, novembro/ 2001. pp. 197-223.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. 19ª Ed. São Paulo: Loyola, 2009.

_____. **A arqueologia do saber**. Trad. Luiz Felipe Baeta Neves, 7ª Ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

_____. **História da sexualidade**: a vontade de saber. 20ª reimpressão. Trad. M. Thereza Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

FRANCO, N.; MOTA, M. V. S. A visibilidade da sexualidade do/a docente homossexual na escola. [anais] Caxambu: **ANPED**, 2010. 1 CD-ROM. Disponível:<http://www.anped.org.br/33encontro/app/webroot/files/file/Trabalhos%20em%20PDF/GT23-6209--Int.pdf>. Acesso: 08/05/2011, às 15h30.

FURLANI, J. Políticas identitárias na educação sexual. In: GROSSI, M. P.; BECKER, S.; LOSSO, J. C. M., PORTO, R. M.; MULLER, R. C. F. (Orgs). **Movimentos sociais, educação e sexualidades**. Rio de Janeiro: Garamond, 2005, p. 219-238.

HARDT, L. S. **Os fios que tecem a docência**. (Tese de doutorado). Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Faculdade de Educação. Programa de Pós-graduação em educação. Porto alegre, 2004.

JUNQUEIRA, R. D. Homofobia nas escolas: um problema de todos. In: JUNQUEIRA, R. D. (Org.) **Diversidade sexual na escola: problematizações sobre a homofobia nas escolas**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, UNESCO, 2009, pp. 13-52.

LOURO, G. L. Heteronormatividade e Homofobia. In: JUNQUEIRA, R. D. (Org.). *Diversidade sexual na escola: problematizações sobre a homofobia nas escolas*. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, UNESCO, 2009, pp. 85-94.

_____. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. 10ª Ed. Petrópolis: Vozes, 2008.

_____. Pedagogia da sexualidade. In: LOURO, G. L. (Org.). **O corpo educado: pedagogia da sexualidade**. Trad. Tomaz Tadeu da Silva. 2ª Ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2007, pp. 09-34.

_____. **Um corpo estranho: ensaios sobre sexualidade e teoria queer**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

MAIA, A. C. Sobre a analítica do poder de Foucault. **Tempo social - Revista de Sociologia**. USP, São Paulo, n. 7 (1-2), out, 1995. pp. 83-103.

PETERS, M. **Pós-estruturalismo e filosofia da diferença: introdução**. Trad. Tomaz Tadeu da Silva. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

SKLIAR, C. **Habitantes de babel: políticas e poéticas da diferença**. Belo Horizonte, Autêntica, 2001.

VEIGA-NETO, A. **Foucault & educação**. 2ª Ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

_____. Michel Foucault e educação: há algo de novo sob o sol? In: VEIGA-NETO, A. (Org.). **Crítica pós-estruturalista e educação**. Porto Alegre: Sulina, 1995, pp. 09-56.

¹ Licenciado Pleno em Pedagogia pela Universidade do Estado do Pará. Mestre em Educação (Currículo) pela Universidade Federal do Pará. Professor da Secretaria de Estado de Educação do Amazonas.

² Orientadora da dissertação de mestrado. Doutora em Educação pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC/SP. Docente do mestrado e doutorado do Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal do Pará.

³ Tendo como base o Vocabulário de Foucault (CASTRO, 2009), a homossexualidade surgiu como uma das figuras da sexualidade ser decalcada da prática da sodomita, sobre uma espécie de androginia interior, um hermafroditismo da alma. No século XIX, aparece na psiquiatria, na jurisprudência e na literatura toda uma série de discursos sobre as espécies de subespécies de homossexualidade. Por meio de tais discursos, por outro lado, a homossexualidade começou a falar, a reivindicar sua naturalidade. “[...] A homossexualidade é uma ocasião histórica para reabrir as virtualidades relacionais e afetivas, não particulares pelas qualidades intrínsecas do homossexual, mas pela sua posição de alguma maneira oblíqua; porque as linhas diagonais que ele pode traçar no tecido social permitem que apareçam essas virtualidades.”